

Este precioso metal tem excitado a imaginação do homem desde o alvorecer dos tempos

ERNEST O. HAUSER



OURO— Rei dos Metais

O OURO é coisa estranha, um casamento feliz entre matéria e idéia. Como medida definitiva de valores, este belo metal flui retinindo através do Globo, num fluxo incessante de barras amarelas, delicadamente polidas. O preço de 35 dólares por onça troy, fixado pelos Estados Unidos, em 1934, — recentemente alterado para US\$38 e, em seguida, para US\$42.22 — é reconhecido como preço «oficial» do ouro, no mundo inteiro, mas nada tem a ver com a procura, a oferta, ou o custo da mineração e

refinamento do metal. Em muitos países, a lei há muito vem proibindo a posse individual de ouro, a não ser como jóia. Todas as nações o usam no comércio internacional, para o balanço de suas contas. E os bancos centrais de todo o mundo o guardam cuidadosamente em seus cofres, como reserva para emissões de papel-moeda.

Base do atual sistema monetário internacional, o ouro é, para a grande maioria, quase uma abstração. Mas é também algo mais, é o rei dos metais e um amigo do homem.

REPRODUZIDO, ATUALIZADO, DE SELEÇÕES, DEZEMBRO DE 1965

Sem ele, nossa civilização não seria a mesma. Seu símbolo científico, indicativo do longo «caso de amor» entre o homem e o ouro, foi durante séculos uma imagem do Sol: ☉. Nos tempos atuais, passou a ser Au, abreviatura da palavra latina *aurum*.

Imune à destruição do tempo, nem a água, nem o ar, nem a maioria dos corrosivos o empanam. Ele tem a marca da eternidade. O ouro é fundido, remoldado e refundido há tanto tempo que o anel que se compra hoje talvez contenha ouro que um dia brilhou no colar da Rainha de Sabá. O ouro tem muitas utilidades. Suas aplicações vão desde bicos de penas até o «cordão umbilical», folheado a ouro, que liga à nave os astronautas que saem para o espaço.

Brilhante, lustroso e surpreendentemente pesado, o ouro é mais maleável e dúctil que qualquer outro metal. Tem sido transformado, a martelo, em folhas cuja espessura não excede um centésimo milésimo de centímetro. Uma onça de ouro pode ser estirada, sem se partir, num fio de 56 quilômetros.

Em liga com outros metais, para torná-lo mais duro, o ouro muda de cor: a prata torna-o pálido, ao passo que o cobre o torna mais escuro. Assim, podem ser obtidas tonalidades caprichosas, como: verde, laranja, vermelho-vivo e roxo. Quando se compram jóias de ouro, vem cunhada uma marca qualitativa, que informa que quantidade de ouro puro se está adquirindo. A proporção de ouro puro em

qualquer objeto é indicada em quilates, sendo o ouro puro representado por 24 quilates. Um anel de dezoito quilates é feito de dezoito partes de ouro e seis partes de liga de outro metal.

O ourives moderno não conhece uma só técnica de que seus antepassados não tenham sido pioneiros. Os túmulos reais de Ur têm fornecido diademas e taças que fariam boa figura nas vitrinas dos grandes joalheiros do mundo, no Tiffany, ou no Cartier. E os etruscos, que foram talvez os maiores ourives de todos os tempos, legaram ao mundo um pequeno pote incrustado com 137 mil glóbulos de ouro microscópicos, com um aspecto aveludado como o da pele de um pêssgo — técnica perdida, cujo segredo só foi redescoberto em 1933.

Por ser muito compacto, guardar ouro é uma forma fácil de armazenar riqueza. Um cubo de ouro de trinta centímetros de aresta pesaria pouco mais de meia tonelada e valeria 740 mil dólares. Se fosse fundido num só bloco todo o ouro que se sabe existir na Terra (estimado no valor de cerca de 96 bilhões de dólares) ter-se-ia um bloco do tamanho de um pequeno edifício.

O ouro tem sido usado para tudo, das coisas mais ridículas às mais sublimes. Um tzar russo brincava com uma pulga de ouro, de tamanho natural, que pulava como uma pulga verdadeira. A orgulhosa cidade de Atenas coroou sua Acrópole com uma grande estátua de

O padrão ouro? Uma lembrança longínqua. No entanto, o ouro continua sendo empilhado no fundo de subterrâneos bem guardados, onde permanece (pelo menos psicologicamente) como o símbolo máximo da riqueza: um tesouro palpável, o lastro que garante o valor das moedas nacionais, que assegura a estabilidade das taxas de câmbio, e possibilita, assim, o comércio internacional. Mas com o crescimento do intercâmbio entre as nações, a escassez do ouro tornou-o inadequado como valor universal de pagamento, para o balanço de contas entre as nações. Um substituto mais prático se impunha. Durante décadas, esse valor de troca, na prática, tem sido o dólar — mais tarde suplementado pelo «ouro papel» ou pelos DES (Direitos Especiais de Saque) criados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Recentemente, várias correntes vêm se formando no sistema. As desvalorizações do dólar e o «valor duplo» dos preços do ouro (um preço fixo, «oficial», bastante diverso daquele que indicam as flutuações do mercado livre do ouro) são indícios de uma falta de uniformidade do sistema.

Neste mês de setembro, as 125 nações que compõem o FMI reunir-se-ão em Nairóbi, no Quênia, para tentar redefinir os elementos desse mundo complexo, embora vital, que é o sistema monetário internacional, sintonizando-o com as realidades práticas do panorama financeiro de nossos dias.

Atena, cujas roupagens de ouro pesavam mais de uma tonelada. A maioria das maravilhas do mundo antigo desapareceu. Mas quem visita o Museu Nacional do Cairo pode ainda apreciar, com incredulidade, o sarcófago do Rei Tutancâmon, feito de ouro de lei, e cravejado de pedras preciosas. Mede 1,88 m de comprimento, e pesa 1.111 quilos.

Foi o Rei Gíges, da Lídia, quem, por volta do ano 650 a.C., cunhou as primeiras moedas de ouro. Aproximadamente do tamanho de uma fava, esses protótipos de toda moeda sonante tinham gravado, numa das faces, um leão, emblema do rei. As poucas dessas moedas que che-

garam até nós valem nada menos que 3.800 dólares cada uma para os colecionadores.

Entre as amostras que Cristóvão Colombo mandou para a Espanha, na sua primeira viagem transatlântica, havia alguns grãos de ouro. Quando os espanhóis penetraram no Novo Mundo, perceberam que deviam ter topado com o Eldorado. Ao pôr os pés no México, Hernán Cortés entregou seu capacete aos índios, para que o enchessem de ouro em pó. E no Peru, Francisco Pizarro, com 180 homens, penetrou num mundo que lhe deve ter parecido uma espécie de Eldorado, onde até os objetos, instrumentos

e mobiliário comuns eram feitos de ouro. Os espanhóis, piscaram, ofuscados... e serviram-se. Durante os cem anos seguintes, frotas armadas cruzaram o oceano, em constante vaivém, despejando seus ricos carregamentos de ouro e prata em Sevilha. Infiltrando-se pela Europa, essas riquezas foram a centelha de uma revolução que transformaria o milenar sistema de trocas numa economia monetária industrial.

O ouro existe em quase toda parte. O cobre, o carvão e o solo de argila sob nossas cidades talvez contenham traços. O mar contém seis partes de ouro para cada trilhão de partes de água salgada.

Em quantidades que valha a pena explorar, o ouro existe sob duas formas: em veios e em aluvião. Os veios, ou filões, são velhas fendas em leitos de rocha firme, nas quais vazou, do interior da Terra, quartzo rico em ouro, no mínimo há dois milhões de anos, ou até há dez milhões. O ouro de aluvião estava encerrado nos mesmos filões, até que a erosão o fez correr para fora deles. Os grãos de ouro se despenharam rio abaixo, e se juntaram em algum remanso, ao longo da margem, onde o rolar das águas os transformou em blocos e pepitas. Se o rio mudava de curso, eles ficavam presos no cascalho, à espera de quem os encontrasse.

Todos os garimpos importantes foram descobertos porque nas suas vizinhanças se encontraram pepitas que os denunciaram. A corrida ao

ouro na Califórnia foi desencadeada quando James W. Marshall, num dia de janeiro de 1848, pescou com o chapéu um punhado de grãos brilhantes no Rio Americano, em Coloma. No ano seguinte, oitenta mil homens migraram para o Oeste, e alguns deles chegaram a ganhar cinquenta dólares por dia bateando ouro.

As ricas e profundas minas do Rand, na África do Sul, que começaram a ser exploradas há quase oitenta anos, fornecem cerca de metade da produção aurífera total do mundo, que é de quase duas mil toneladas anuais. Em segundo lugar vem a União Soviética, cuja produção se calcula em 25 por cento do total. Os Estados Unidos, que já foram o maior produtor de ouro, concorrem agora com menos de quatro por cento da produção anual.

O ponto de fusão do ouro é a 1.063° C, e não muda de cor em forma líquida. É um espetáculo impressionante vê-lo fluir numa refinaria. O metal fundido, contido num pequeno cadinho, seguro com longas pinças de ferro, é deitado em formas. O homem que faz esse trabalho deve ter mão firme, pois uma gotinha derramada representa vários gramas perdidos. As barras recém-formadas, cujos números de série as identificarão futuramente, saem da refinaria em carros blindados.

Daí por diante, quase tudo pode acontecer. Em cada sete barras de ouro, que transitam com destinos

marcados com precisão, uma sempre escapole para correr mundo. Um mercado-negro, espalhado pelos continentes, e com postos de articulação em lugares exóticos como Beirute, Dacar, Hong-Kong e Bombaim, absorve vastas quantidades de ouro. Aliás, isso não é de espantar, considerando-se que os preços chegam a 80 dólares a onça, que oficialmente vale 42, e há sempre mil dólares de lucro à disposição de quem acesse uma fronteira com um lingote do tamanho de uma barra de chocolate.

Embora nenhuma nação use hoje o ouro como moeda legal, algumas ainda cunham moedas de ouro para atender à imensa procura. A Grã-Bretanha produz reluzentes «sobe-ranos», que são vendidos com grande margem de lucro nos bazares da Ásia. Os franceses, que podem comprar legalmente moedas de ouro em qualquer banco e as consideram o melhor seguro contra todas as calamidades, retêm agora pelo menos um quarto do estoque mundial de ouro em poder de particulares, que é de 75 bilhões de francos, guardando-o nos armários, nos colchões, ou nas latas de biscoitos.

Durante séculos, os cientistas afirmaram que o ouro podia ser

obtido artificialmente, por transmutação, restando apenas saber como. Barbudos alquimistas, de longos mantos, buscavam encontrar a «pedra filosofal» que transformaria metais comuns em ouro. Hoje, com os cíclotrons substituindo os cadinhos, podemos vencer no que eles falharam, usando a desintegração nuclear. Evidentemente, isso não poderia ser recomendado como passatempo: o físico teria de começar com chumbo ou platina, e acabaria com uma cabeça de alfinete de ouro, ao preço de várias toneladas de ouro natural. Ainda assim, seria ouro autêntico, ouro produzido pelo homem, o fim de um laborioso caminho.

Os geólogos nos asseguram que, embora reste muito ouro nas jazidas ora em exploração, é improvável que haja, no futuro, descobertas de novos filões. Em nossa permanente busca, não deixamos passar despercebida nenhuma jazida importante. Mas, cresça ou diminua a produção de ouro, suba ou desça o preço da onça, ou fique simplesmente entregue ao acaso, a procura de ouro excederá sempre a oferta, e o homem continuará a viver sob o fascínio do metal amarelo, como já vem vivendo há seis mil anos.



UMA CHAMADA telefônica do diretor-geral fez com que o meu amigo se lançasse abruptamente em direção do importante fichário solicitado. Mas, na pressa, ele esbarrou no telefone, que estava sobre a mesa e que foi parar no chão com toda a força. Atarantado, o meu amigo levantou o aparelho e perguntou ansiosamente. «Mil perdões. O senhor machucou-se muito?»

— P. M. C.